



Diálogos

ISSN 2177-2940



Do íntimo ao êxtimo do sexo: discussões sobre performances de si no projeto audiovisual Sem Capa

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v27i3.68777>

Maurício João Vieira Filho

 <https://orcid.org/0000-0001-9638-7390>

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Juiz de Fora-MG, BR

E-mail: mauriciovieiraf@gmail.com

Mariana Ramalho Procópio

 <https://orcid.org/0000-0001-9661-5883>

Universidade Federal de Viçosa (UFV). Viçosa-MG, BR

E-mail: mariana.procopio@ufv.br

From the intimate to the extimate of sex: discussions about self-performances in the Sem Capa audiovisual project

Abstract: João Pedro Sa, known as Sa João, developed the audiovisual project Sem Capa on the Xvideos platform to present themes associated with sexual relations between men, homosexuality, and bodies in a space with no limitations on viewing. Anchored in the methodological proposal of the indicative paradigm, we aim to understand how life experiences are configured in the affirmation of a place that makes it possible to teach viewers of Sem Capa. Thus, we present conceptual references about extimacy, biographical space, and surveillance in order to tension them to Sem Capa. As a result, especially, Sa João is central in the configuration of the sexuality device triggered by the project, launching himself as a biographical reference for gay men.

Key words: Extimities; life narratives; audiovisual project Sem Capa.

De lo íntimo al éxtimo del sexo: discusiones sobre las autoperformances en el proyecto audiovisual Sem Capa

Resumen: João Pedro Sa, conocido como Sa João, desarrolló el proyecto audiovisual Sem Capa en la plataforma Xvideos para presentar temas asociados a las relaciones sexuales entre hombres, la homosexualidad y los cuerpos en un espacio sin limitaciones de exhibición. Anclados en la propuesta metodológica del paradigma indicológico, pretendemos comprender cómo se configuran las experiencias vitales en la afirmación de un lugar que posibilita la enseñanza a los espectadores de Sem Capa. Así, presentamos marcos conceptuales sobre la extimidad, el espacio biográfico y la vigilancia para ponerlos en tensión con Sem Capa. Como resultado, especialmente, Sa João es central en la configuración del dispositivo de sexualidad desencadenado por el proyecto, lanzándose como referencia biográfica para los hombres homosexuales.

Palabras clave: Extimidades; narrativas de vida; proyecto audiovisual Sem Capa.

Do íntimo ao êxtimo do sexo: discussões sobre performances de si no projeto audiovisual Sem Capa

Resumo: João Pedro Sa, conhecido como Sa João, desenvolveu o projeto audiovisual Sem Capa na plataforma Xvideos para apresentar temáticas associadas às relações sexuais entre homens, homossexualidade e corpos em um espaço sem limitações de exibição. Ancorados na proposta metodológica do paradigma indiciário, objetivamos entender como experiências de vida se configuram na afirmação de um lugar que possibilita ensinar espectadores do Sem Capa. Assim, apresentamos referenciais conceituais sobre extimidade, espaço biográfico e vigilância para tensioná-los ao Sem Capa. Como resultados, especialmente, Sa João é central na configuração do dispositivo da sexualidade acionado pelo projeto, lançando-se como referência biográfica para homens gays.

Palavras-chave: Extimidades; narrativas de vida; projeto audiovisual Sem Capa.

Recebido em: 01/07/2023

Aprovado em: 08/11/2023

Para “descomplicar o sexo”, João Pedro Sa, mais conhecido como Sa João, desenvolveu, em parceria com seu namorado Charles, apelidado de Charlinhus, um projeto audiovisual estruturado em 24 episódios para falar sobre sexo, fazendo sexo. O *Sem Capa*¹ nasce em 2018 com uma proposta ousada de apresentar e explicar as relações sexuais entre homens, mostrar corpos nus e genitálias, dizer sobre como é ser homem gay na sociedade brasileira atual — ações demarcadas com o objetivo de descomplicar a partir de uma construção que visa atingir uma inteligibilidade do sexo. No entanto, para que pudesse circular livremente, sem ser bloqueado ou derrubado pelos mecanismos algorítmicos e pelas políticas de serviço das plataformas digitais, como *YouTube*, *Instagram* e *Facebook*, os criadores recorrem à *Xvideos*, uma plataforma de conteúdos audiovisuais classificados como pornográficos², a fim de publicar os vídeos gravados em um quarto, onde homens fazem sexo durante toda a gravação. Apresentado em quase sua totalidade por Sa João, os vídeos mesclam uma conversa íntima com quem assiste enquanto mostram tutoriais, aconselhamentos e exposições do próprio corpo.

Os episódios têm características semelhantes ao longo do fio narrativo desenvolvido. Desde os títulos³, que mobilizam e articulam referências típicas da cultura popular e midiática, seguindo pelos modos de enquadrar a imagem na tela, até a linguagem injuntiva. De modo geral, as reflexões trazidas estão assinaladas no eixo da anatomia corporal, da saúde, das experiências pessoais e exposições das intimidades e dos modos de fazer algo relacionado ao sexo. Entre esses destaques, devemos salientar a predominância de Sa João — um homem gay, carioca, na faixa dos trinta anos de idade, branco, com corpo musculoso e que já trabalha na indústria audiovisual. Não apenas por ser o apresentador em quase todos os episódios, mas em razão de as experiências vividas por Sa João e pessoas conhecidas serem balizas para o desdobramento das reflexões.

Logo na abertura do primeiro episódio “Vamos falar de sexo?”, após a apresentação e as

1 Os 24 episódios do projeto *Sem Capa* estão apresentados de modo aberto, público e gratuito no perfil de Sa João na *Xvideos*. Nesse mesmo espaço, está descrito o objetivo do projeto: “vamos descomplicar o sexo”. Disponível em: https://www.xvideos.com/amateur-channels/sa_joao. Acesso em: 28 jun. 2023.

2 Neste artigo, não temos o interesse em discorrer sobre o que se configura como pornografia ou não, haja vista que entendemos que esse léxico é imbuído culturalmente por amarras morais que o restringem à nudez e ao sexo explícito. Trata-se, portanto, de um campo cujas lógicas são obscuras nas estruturas de poder que visam regulá-lo e significá-lo. A *Xvideos*, por exemplo, é um serviço de uma empresa tcheca, sobre cujas estruturas e ações comerciais não há muitas informações públicas. No entanto, por ser uma das mais consumidas mundialmente, a plataforma transborda as dimensões digitais e on-line para o social, projetando outras camadas de significados à pornografia platformizada (VIEIRA FILHO, 2022).

3 Os títulos dos episódios são: Vamos falar de sexo?; Bota a camisinha; HIV não é doença; PREP-ara; Desinformação é pior que DST; Lava o pinto direito; Peludos e pelados; O melhor amigo do homem; Pau pra toda obra; O segundo melhor amigo do homem; How to xuca; Bora sarrar; Bota a camisinha parte 2; Fantasias no ar; Hey machão; Sigilo; Sindibixa e pokémon; Trepada aditivada; Casalção da porra; O negão da piroca; Manda nudes; Suruba não é bagunça; Parece uma pornô; Pós-coito.

motivações que conduziram à concepção desse projeto, Sa João reitera a legitimidade que possui para falar sobre temáticas associadas às relações sexuais, pontuando que as informações são respaldadas em pesquisas realizadas antes das gravações, assim como por experiências acadêmicas e profissionais com a realização de festas de sexo, estudos sobre sexualidade e com a atuação na pornografia. Outro aspecto convocado como justificativa para a procedência das informações que delimitam a abordagem é a experiência.

Realmente, eu não sou, nem quero ser nenhuma voz da verdade aqui. A maioria das coisas que eu vou relatar aqui são baseadas em experiências próprias ou de pessoas próximas a mim. Eu não quero ditar comportamento nenhum. Eu só quero relatar as minhas experiências e essas experiências que eu conheço, para que, talvez, alguma pessoa, uma ou outra, que tá assistindo aí possa se identificar e usar essa experiência e essa experiência talvez funcione pra essa pessoa [sic] (SA JOÃO, 2018a, 2min12s–2min34s).

Como parte dessa constituição, muitas temáticas são exemplificadas no próprio corpo, a partir da própria experiência. Um caso é o vídeo de Sa João sobre depilação corporal e a contação dos modos como realiza em seu corpo. Outro exemplo, que coloca Charlinhus em frente à tela para a gravação, é sobre a sexualização de homens negros. Cabe o adendo de que, excepcionalmente, esse episódio não tem a apresentação de Sa João, mas de Charlinhus que, até então, permanecia nos bastidores. No 20º vídeo intitulado “Negão da piroca”, ele evidencia experiências pessoais e conduz a reflexão sobre o imaginário sexual ligado aos corpos negros, ao pênis e à masculinidade. Para entrelaçar essa abordagem, Charlinhus cita acontecimentos que viveu, enfatiza a interseccionalidade dos marcadores sociais e as opressões.

Diante da emergência desse projeto audiovisual, de tantos exemplos ao longo da narrativa, os processos de autorrepresentação da homossexualidade e os modos de expor as intimidades, neste artigo, ancorados na proposta metodológica do paradigma indiciário (BRAGA, 2008), objetivamos entender como experiências de vida se configuram na afirmação de um lugar que possibilita ensinar espectadores do *Sem Capa*. O desenho metodológico parte da proposição de Braga (2008) que apreende os estudos da Comunicação ao paradigma indiciário como meio de encadear e refletir o repertório teórico, o objeto empírico e o objetivo construídos na pesquisa de forma articulada, isto é, o “[...] tensionamento do objeto pela teoria” (BRAGA, 2008, p. 82). A partir dos 24 episódios do *Sem Capa* publicados na *Xvideos* e dos comentários públicos das pessoas que acompanharam, percebemos indícios essenciais que possibilitam refletir as dimensões da narrativa de vida dos produtores de conteúdo e dos públicos que interagem, sobretudo pela articulação conceitual sobre *extimidade* (SIBILIA, 2015, 2016), *espaço biográfico* (ARFUCH, 2010) e *vigilância* (BRUNO,

2013).

Exposição de si em espaços biográficos e regimes de vigilância

Em estudos genealógicos do poder disciplinar, Michel Foucault (1980, 1999) se debruçou sobre a sexualidade, caracterizando-a como um dispositivo, o qual tinha finalidades de docilização dos corpos. A complexa estruturação em discursos, organizações, estratégias e mecanismos coercitivos torna o dispositivo da sexualidade um amálgama cujos mecanismos visam instrumentalizar saber e poder. Por meio das articulações pedagógicas de instituições religiosas, médicas e psiquiátricas, o alvo de controle da sexualidade se direcionou de modo tonificado aos desejos para governar os corpos dos indivíduos. Entre as operações do poder, Foucault (1999) assinala que a “homossexualidade”, que até então era entendida como sodomia, torna-se demarcada como desvios comportamentais e prazeres proibidos. Todavia, o dispositivo da sexualidade se (re)arranja e segue em constante atualização na cultura ocidental, e não somente por meio dessas instituições que demarcavam desvios e problemas contra as pessoas, mas em outras tantas como a família, a escola, o Estado, os meios de comunicação etc. Isso denota, portanto, as dinâmicas em movimentação por meio do dispositivo que visam validar e reconhecer certas identidades, enquanto outras são constrangidas e apagadas.

Nessa trama de pedagogias da sexualidade, Foucault (1999) aponta como a incitação sobre a sexualidade ocorreu por meio de discursos. Uma das ações foi pela confissão, que sai dos domínios cristãos circunscritos a dizer sobre os pecados e passa a ser uma prática da vida cotidiana. Escreve Foucault (1999, p. 59) que “[...] nos tornamos uma sociedade singularmente confessanda”, ou seja, seguimos, constantemente, dizendo sobre nós, nossos desejos e tentando articular quem somos. Essa busca por dizer quem se é e o que se faz nos direciona ao pensamento de Leonor Arfuch (2010) e as questões das subjetividades e das narrativas em uma perspectiva dialógica.

Arfuch (2010, p. 81) destaca que, “nesse relato de si, sempre recomeçado e inconcluso — o cotidiano, o literário, o midiático, o das ciências sociais —, a vivência tem um lugar privilegiado”. Quando contamos, asseguramos existência e permanência daquilo que está sendo contado. Por outras palavras, as narrativas de vida materializam, registram, documentam e, consecutivamente, preservam a existência daquela vida que está sendo contada. Conforme Arfuch (2010), antes, tudo que era do domínio íntimo era escondido; logo, os espaços para se narrar se limitavam aos diários, às autobiografias e às zonas secretas, mas, ao passo que a prevalência do eu se deslocava e as possibilidades na vida cotidiana são tensionadas, os espaços biográficos se espalham permitindo a expressão da subjetividade.

É nessa esteira que Arfuch propõe pensarmos não apenas em gêneros e condições

discursiva-contextuais específicas para a narração de si, mas num horizonte de possibilidades para tematização do eu, por ela denominado como espaço biográfico. Para a autora, tal espaço “permite a consideração das especificidades respectivas sem perder de vista sua dimensão relacional, sua interatividade temática e pragmática, seus usos nas diferentes esferas da comunicação e da ação” (ARFUCH, 2010, p. 59). Dessa maneira, conectamos modos de narrar e projeções sobre o valor biográfico quando trazemos o exemplo concreto, como também quando construímos redes de valorização da exposição das vidas.

É importante salientar dois aspectos centrais: os recursos tecnológicos alargam as oportunidades de invenção dos usuários e de interação, juntamente à captura do mercado por meio das lógicas técnico-comunicacionais como serviços e produtos, o que fortalece o sistema capitalista. O que não significa dizer que tais artefatos técnicos sejam a “causa” (SIBILIA, 2016) da proliferação do eu e das manifestações de subjetividade na sociedade contemporânea. A apreensão do contexto atual das plataformas e mídias digitais indicam, assim, como mobilizamos esses espaços com vistas a dar nosso testemunho de vida. Ali, biografamos quem somos, o mundo e as nossas relações. Sibilia articula que “o *eu* que fala e se mostra incansavelmente nas telas da rede costuma ser tríplice: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem” (SIBILIA, 2016, p. 57, grifo da autora). Essa configuração de si constrói o eu ao se narrar, isto é, constrói-se pela linguagem que marca elementos do eu como nome, identidades e trajetórias de vida. “Nesse sentido, somente a linguagem nos dá consistência e relevos próprios, pessoais, singulares, e a substância que resulta desse cruzamento de narrativas se (auto)denomina *eu*” (SIBILIA, 2016, p. 57, grifos da autora). Mesmo assim, não devemos ter a fictícia ilusão de que há unicidade nessa narrativa e total coerência entre acontecimentos, pois somos contraditórios, recontamos, relembramos, reinventamos. O outro também tem papel essencial nesse processo, já que me constitui a partir de sua perspectiva diante de mim.

Ademais, é preciso ainda salientar que as alterações em torno do espaço público e do privado foram determinantes para as alterações dos modos de ser e de estar no mundo de hoje. Se anteriormente o espaço privado, sobretudo o doméstico, se configurava pelas barreiras da discrição, da reserva e do segredo, hoje podemos localizá-lo como lócus adequado para ambientações e certificações das performances de si. Segundo Sibilia (2015), o espaço privado era também revelador das marcas de moralidade sobre as quais se sustentavam os segredos e a intimidade.

Dentro desse cenário, notamos, portanto, aberturas que expandem os espaços biográficos e interconectam diferentes indivíduos através de telas. Nessa toada, Sibilia (2015, 2016) nos dirige ao conceito de *extimidade*. Se somos *confessandos*, como percebeu Foucault (1999), a visibilidade e a conexão incessante são propulsoras para o caminho como narramos na atualidade. A saída da

intimidade do privado vem acompanhada da mostração de si, fenômeno da extimidade. “Mais do que um conjunto de imagens, o espetáculo se transformou em nosso modo de vida e nossa visão do mundo, na forma como nos relacionamos uns com os outros e na maneira com que o mundo se organiza” (SIBILIA, 2016, p. 74). Essa valorização da subjetividade dirigida ao exterior reconfigura, então, as relações estabelecidas com o outro.

A megaexposição do eu se caracteriza como valor social, que, em grande parte, se deve aos regimes de vigilância contínua imbricadas em nossas vidas. Com os espaços biográficos, segundo Arfuch (2010) explicou, em expansão, há ressignificações das dimensões do que é público e privado, do que é interior e exterior, que passam a ter as fronteiras borradas e mescladas. As formas de vigilâncias disciplinares trazidas por Foucault (1999) — como na história da sexualidade em que saberes foram produzidos a partir da marcação de desejos, sujeitos e práticas — aumentam e funcionam como mecanismos capazes de coletar nossas informações, classificar quem somos e registrar nossa presença.

Contudo, Fernanda Bruno (2013) elucida a onipresença das vigilâncias distribuídas no cotidiano. Há um entrelaçamento entre vigiar e ser visto, tornando, inclusive, a vigilância imanente aos processos contemporâneos de entretenimento, sociabilidade e comunicação. Segundo a autora, para além dos controles advindos das lógicas disciplinares modernas, herdamos paradoxalmente da Modernidade a aceleração e a excitação da vida urbana e da cultura do espetáculo.

Nesse sentido, a vigilância distribuída é conceitualizada pela descrição das “[...] singularidades das práticas e processos de vigilância nas sociedades contemporâneas, bem como seus regimes de legitimação” (BRUNO, 2010, p. 13). A pesquisadora condensa esse processo em três ações que inscrevem os processos de vigilância: observar, conhecer e intervir. No entanto, cabe salientar que as vigilâncias distribuídas estão envolvidas em tecnologias, discursos, redes etc., tal como a noção de dispositivo foucaultiana (FOUCAULT, 1980), agindo estrategicamente e sendo difundida.

“Práticas de vigilância que num passado recente estariam restritas a grupos específicos e justificadas por razões particulares são incorporadas no cotidiano da vida urbana, da rotina familiar, das relações sociais, das formas de entretenimento” (BRUNO, 2013, p. 23). Portanto, as confissões que fazemos nos espaços biográficos se fundem como uma necessidade de ser visto, a qual está intrincada às vigilâncias, de mostrar, de lançar as extimidades, de adquirir reconhecimento. Ao fazermos esse apontamento, visamos apreender o contexto no qual o *Sem Capa* está envolvido e situado em disposições da exibição de si e do que viveu. Ao assinalar que o objetivo da iniciativa é “descomplicar o sexo”, o projeto se direciona às tematizações do sexo com vistas a facilitar, tornar mais assimilável e de fácil compreensão ao público. Tal ação, por si, já demarca um gesto

pedagógico acentuado no propósito de ensinar. No entanto, para a descomplicação ser alcançada, necessita-se de investir em estratégias que alcancem quem assiste ao *Sem Capa*. A seguir, com base no repertório teórico-conceitual mobilizado, articulamos indícios dos episódios e do projeto na totalidade (incluindo comentários dos espectadores) para compreender a dimensão da centralidade das experiências.

Centralidade nas experiências, performances e diretrizes de Sa João

Um dos pilares centrais no projeto é a apresentação ser capitaneada por Sa João, que não deve ser assimilada sem intencionalidades. A grande proporção adquirida pela figura de Sa João no *Sem Capa* não é apenas em razão da prevalência na apresentação ou por publicar os episódios em um perfil com seu nome na plataforma. O objetivo do projeto em converter as temáticas em conteúdos que sejam de fácil compreensão, sem barreiras e com demonstrações exigem a explanação das próprias experiências de vida. Para tanto, Sa João articula elementos de ordem pessoal e profissional por meio do peso biográfico que as falas possuem, com relatos vivenciais de situações que já enfrentou e ao narrar casos que ilustram o desenvolvimento do episódio. Essas ações se lançam para conferir autenticidade, por enunciar o que viveu e trazer valor testemunhal e de autoridade sobre o que se fala e sobre o espectador. Dessa forma, os recursos da plataforma *Xvideos* são apropriados e se tornam um espaço biográfico (ARFUCH, 2010), no qual organiza falas de si e as direciona ao público almejado de homens gays, com vida sexual ativa.

É preciso considerar a linguagem como dimensão fundamental na constituição do eu e do mundo. “A linguagem não só ajuda a organizar o tumultuado fluir da própria experiência e a dar sentido à vida, mas também estabiliza o espaço e ordena o tempo, em diálogo constante com a multidão de outras vozes que nos modelam, coloreiam e recheiam” (SIBILIA, 2016, p. 58). E o fato de o *Sem Capa* ter uma linguagem injuntiva, baseada nos tutoriais e aconselhamentos, que seguem pela experiência como estatuto de comprovação faz com que Sa João se narre como parâmetro norteador das vidas de homens gays. Contudo, não basta tentar ocupar o lugar central da narrativa sobre sexo. É necessário construir uma legitimidade diante dessa ambição. O primeiro episódio traça formas como irá proceder, após listar justificativas que atestem a posição de autoridade e reiteram a importância do projeto. Entre os motivos elencados como critérios de razoabilidade para se colocar à frente do *Sem Capa*, Sa João questiona a própria credibilidade das informações encontradas nas buscas pela internet, atesta seu conhecimento sobre os temas que tangenciam à sexualidade e à pornografia, destaca sua aptidão discorrendo sobre suas participações em debates e experiências práticas com a pornografia, assim como notabiliza suas práticas e de pessoas próximas a ele como balizas delimitadoras das abordagens. Vale salientar que, ao colocar em xeque as

informações encontradas nas plataformas on-line, Sa João também lança seu projeto na mira de questionamentos sobre a validade do que é representado em tela. No terceiro episódio “HIV não é doença” (SA JOÃO, 2018c), por exemplo, muitos comentários são direcionados no sentido de invalidar as reflexões propostas. Um caso é: “Que horror!! Seu canal é um desserviço. Pare de falar asneiras” [sic].

Por outro lado, uma parcela das pessoas interagiu e elogiou o *Sem Capa* pela proposta e por notar semelhanças e paralelos com vivências. O episódio “Sindibixa e Pokémon” (SA JOÃO, 2018f) é simbólico para refletirmos a importância adquirida pelas vivências de Sa João e como são expandidas para englobar outros homens gays. A introdução é elaborada com relatos vivenciais a partir da exposição da intimidade (SIBILIA, 2015, 2016), concentrando-se nos dilemas enfrentados durante sua juventude ao tentar entender a orientação sexual. Por reconhecer que suas experiências eram singulares, mas não únicas, Sa João observa que os desafios passados são semelhantes aos de outros homens gays. Ele diz:

Eu resolvi fazer esse vídeo para gente entender melhor que *level* são esses pelos quais *toda a bicha passa* porque talvez você esteja passando por algum deles. E aí vendo que várias pessoas passam pelas mesmas questões, talvez fique mais fácil de você evoluir e se tornar uma bicha como a sexualidade mais amadurecida. Então, vamos lá, vou tentar listar algumas coisas aqui que eu consigo pensar que poderia ser um drama que você tá passando e que todo mundo passa, e fica tranquilo e é assim mesmo [sic] (SA JOÃO, 2018f, 2min29s–2min56s, grifos nossos).

A comparação com “*level*”, fases em jogos de videogame, evoca trajetórias pré-estabelecidas para homens gays encararem em suas relações interpessoais, afetivas e sexuais, assim como soluções para problemas vindouros. Isto é, trata-se de uma progressão contínua, com semelhanças para as vidas listadas por Sa João a partir de parâmetros próprios, tais como: sentir-se culpado após gozar, gostar de homens heterossexuais, não gostar de sexo com penetração, não gostar de divas pop, preferir ficar em casa e não assumir publicamente a sexualidade (SA JOÃO, 2018f). Porém, Guacira Louro (2020) afirma que, apesar de empreendimentos normativos impelirem, a todo momento, modos de seguir a vida reputados como “corretos” socialmente e reprimirem ações, comportamentos, desejos e afetos, cada um pode tomar rumos muito distintos, e não necessariamente passar pelos “*levels*” listados como condições comuns da homossexualidade, por exemplo. Logo, essa homogeneização colocada nos estágios elencados a partir da vida de Sa João são totalizantes e não devem ser assimilados como únicos, visto que as maneiras de lidar, enfrentar ou decidir são variadas por sermos indivíduos em condições específicas temporais, sociais e culturais. Além disso, Sa João é um homem cisgênero, branco, gay, morador do Rio de Janeiro, uma

das maiores cidades do Brasil, idealizador e frequentador de “festas de sexo” — para as quais convida o público em todos os episódios —, o que lhe garante condições específicas de expressão da sexualidade divergentes de pessoas de outras localizações geográficas do Brasil, cujos contextos e valores culturais diferem, ou de homens gays que não podem “sair dos armários” por razões variadas. Do mesmo modo, as barreiras que emergem na vida de cada um são díspares e não progressivas.

Em virtude dessas observações, compreendemos que Sa João *fala para* homens gays, e não *fala com*. A questão aqui não é de regência verbal, e sim identificar que, ao expor episódios de sua vida *para* homens gays, Sa João se oferece como referência para corpos e experiências gays, isto é, se coloca como um “parâmetro normativo”, em última instância, por meio da exposição de si. Embora tenha sublinhado não ter o desejo de “ditar comportamentos” (SA JOÃO, 2018a), o estabelecimento de lógicas centradas no eu está interligado ao fato de ser um homem branco, jovem, sem deficiência, magro e adequado a um padrão social de beleza da cultura ocidental, fundamentalmente, brasileira. Assim, não constrói um espaço de partilhas entre homens gays, em que se possa trocar e discutir as experiências, ainda que elas tenham similaridades e pontos em comum. Percebemos essa restrição, por exemplo, quando nenhum comentário de espectadores é respondido pelo projeto, mesmo com pessoas compartilhando extimidades. Alguns exemplos são: “Só uso camisinha feminina! É muito melhor e mais prático!”, no segundo episódio “Bota a camisinha, bota meu amor” (SA JOÃO, 2018b); “Adorei saber disso, vou testar se gostar, só vou usar dessa” [sic], no vídeo sobre preservativo interno (SA JOÃO, 2018d); ou “Eu preciso amar para ter prazer”, no episódio “Trepada aditivada” (SA JOÃO, 2018g). Ao estar nesse patamar centrado nas experiências de si como base, há um estabelecimento hierárquico que coloca Sa João em uma posição privilegiada como detentora do conhecimento sobre a sexualidade e o sexo.

Por essas razões, ele mobiliza o termo “lugar de fala”, em “Parece uma pornô” (SA JOÃO, 2018i), como sinônimo às experiências individuais ou vivências, o que lhe garantiria a legitimidade para o processo de enunciação sobre homossexualidade e relações sexuais entre homens somente sobre o que pratica ou vive. Pelo fato de ser um homem gay a cujas experiências sexuais se ligam ao que propõe falar, proporciona-lhe possibilidades para condução do *Sem Capa*. Contudo, ele não usa o conceito ou a ideia de modo geral como um lugar social, ao qual pertence e necessita de uma localização nas relações sociais de poder. A concepção trazida por ele difere do que é refletido por estudiosas como Djamila Ribeiro (2019). Lugar de fala é uma localização social que permite a todas as pessoas debaterem sobre quaisquer temáticas, contudo entendendo os privilégios ocupados por cada um na sociedade e os modos como atingimos indivíduos e grupos subalternizados nesses processos discursivos. A definição de Ribeiro (2019) alicerça-se em contribuições teóricas de

Gayatri Spivak, Patricia Hill Collins, Grada Kilomba, que problematizaram os lugares de subalternidade e a concentração epistemológica em sujeitos considerados historicamente dominantes, o que gerou silenciamento de diversas vozes, saberes e lutas. Em virtude de seu entendimento por lugar de fala, Sa João (2018i, 8min40s–8min50s) conduz o projeto até o limite das experiências serem possíveis e suficientes para argumentação. O encerramento do projeto frisa esse aspecto, conforme lemos: “[a]té porque existem vários temas que eu não posso sentar aqui e falar para vocês com propriedade sobre o assunto porque eu não tenho lugar de fala para isso, mas, talvez, eu conheço quem tenha”.

Dois indícios importantes sobre a experiência ser insuficiente para o desenvolvimento da narrativa ocorrem em “Fantasias no ar” e “Negão da piroca”. O primeiro é um vídeo no qual as experiências de um convidado, Ton Dutra, são expostas para abordar os fetiches nas relações sexuais. O propósito de chamar outra pessoa para a apresentação surge da necessidade exigida pelo tema, visto que Sa João diz não ter práticas fetichistas em suas relações e se denomina como “baunilha” (termo referente a pessoas cujas preferências sexuais são vistas como convencionais, ou seja, tidas como não fetichizadas) — e pela convocação nos vídeos para os espectadores comentarem e apresentarem situações de suas vidas ou coloquem em prática o que foi mencionado (SA JOÃO, 2018e). O segundo indício é a condução do vídeo por Charlinhus e a exposição de vivências desde a infância em tom confessional em frente ao vídeo, além de articular as reflexões sobre objetificação e estereotipação de corpos negros (SA JOÃO, 2018h).

Torna-se essencial trazer em cena o próprio Sa João. Como ele mesmo sublinha imediatamente no primeiro episódio, a formação acadêmica e a carreira profissional se unem à condução das falas no *Sem Capa*. Todavia, há outros componentes, que extrapolam as vivências práticas, importantes para essa trama. Não por acaso, a condução da maioria dos episódios é realizada com ele nu. As características corporais expostas pela nudez são reiteradas pelos espectadores por meio dos comentários, por exemplo, “Pauzão gostoso, queria conhecer pessoalmente essa delícia” [sic], “Que bunda linda hein 🍑🍑🍑” [sic], “Que bunda perfeita tem esse homem! Obra de arte!” [sic], “Maravilhosidades!! Adorei a senhora, sua desenvoltura, sua simpatia, seu corpo, seus olhos e seu cenário. Muitas emoções” [sic] etc., mas que emergem como certos atributos físicos socialmente aprovados entre quem assiste, em especial o foco em partes sexualizadas do corpo, tais como pênis e bunda, tendo em vista parâmetros de formato e tamanho. Por ser um corpo modelo de virilidade adquire, assim, sinônimo de corpo desejável e desejante, apreciável e digno de ser exibido publicamente e circulado naquele espaço, e ideal para ser ambicionado.

Quando atentamos para a audiência, há momentos em que Sa João é visto como referência

por dois modos. O primeiro está submetido ao estatuto de legitimidade construída pela condução dada aos temas, o que, na visada de alguns espectadores, torna-se reverenciado pelo lugar assumido por ele. Vide alguns comentários: “melhor iniciativa impossível” [sic], “Idéia da hora! Parabéns” [sic], “Meu deus! Suas ideias são maravilhosas, é tipo um canal do youtube de sexo UAUHAUHAUH parabéns! Aliás, quero dar pra você! haha” [sic], “Gostei bastante da ideia. Criativa e inovadora, mas também não consegui deixar de tarar teu dote scr kkk” [sic], “Já amei o canal. Sem frescuras, fala na tora” [sic]. Já o segundo ponto, refere-se à audiência comentadora que venera Sa João como objeto de excitação, sobretudo seu corpo, saturado em seu pênis: “- educativo - gato - dotado vamo casa” [sic], “Mas que foda esse canal. Já virei fã no primeiro vídeo. Super apoio o projeto. Além do conteúdo ser necessário, vc é uma delícia hahaha. E escolheram o local perfeito pra divulgação. Parabéns” [sic], “tá de parabéns, cada dia eu gosto mais do canal.” [sic]. Em contrapartida, a centralidade de si é contrastada por um dos comentaristas, que diz: “O canal em si não é ruim, só acho desnecessário “se usar” pra dar exemplos, fica um ar de querer aparecer...” [sic]. Essa evidência da extimidade frisada por um dos usuários parece não ser aspecto relevante para outros, visto que gerou nove reações negativas da audiência (simbolizado pela reação “não gostei” da plataforma). De todo modo, é válido entender que Sa João se projeta como modelo de experiências, ao ser suficientemente pedagogizado por aprendizados e investimentos que atravessaram sua vida e lhe tornaram capaz de reproduzir e pedagogizar.

Considerações finais

A partir das contribuições teóricas de Foucault (1999), juntamente aos conceitos de extimidade (SIBILIA, 2015, 2016), percebemos ao longo da reflexão que Sa João vem a ser central como alvo e produto do dispositivo da sexualidade, em que sua figura se projeta como objeto da própria pedagogia, assim como se insere na trama do dispositivo com os elementos biográficos expostos por ele para outros homens gays. O prisma da experiência de vida compõe a centralidade de si como parâmetro e direciona o público do *Sem Capa*, na medida em que ocupa uma posição de ensinar. Sa João frisa ao longo do projeto que muitas pessoas pediam que abordasse determinadas temáticas. Logo, ele é visto como preceptor/tutor autorizado a falar, pois, pelas vastas experiências de vida e o que expõe de si, sobretudo, da vida sexual, permitem com que crie um espaço legitimado para indicar como se deve fazer, como é ser homem gay no Brasil etc. Porém, essa narrativa só se solidifica por ser um indivíduo pedagogizado por diferentes normas que lhe interpelam e constituem sua subjetividade.

Ainda que a dimensão do eu seja crucial para o desenvolvimento, notamos que, tacitamente, a diversidade de experiências de homens gays é sonegada pela singularidade de Sa João. Ao falar

para, e não *com*, estabelece-se uma relação hierárquica entre quem sabe mais (idealizador do *Sem Capa*) e quem sabe menos (público almejado de homens gays). Quando o que viveu não foi suficiente para o embasamento dos vídeos, Charlinhus e Ton Dutra assumem, excepcionalmente, a posição de apresentação em frente à câmera para relatar. Em geral, o reconhecimento da diversidade é empobrecido pelo desenvolvimento das narrativas.

A proposta conceitual de lugar de fala (RIBEIRO, 2019) evidencia a coletividade, ou seja, nesse caso, como homem gay atento às questões sobre homossexualidade, ele diz de um lugar coletivo e social, e não narcisisticamente de si. Situar-se assim é compreender, de fato, de onde se enuncia, com quais limitações, meios e privilégios se podem dizer sobre um tema. Não é a experiência individual que confere legitimidade para dizer, ponto sublinhado por Sa João e justificado como o porquê duas pessoas extraordinariamente estão na apresentação de dois episódios específicos, sendo um pelo fato de Sa João não ser um homem negro e outro por se entender como “baunilha” para fetiches. Reconhecer o lugar de fala é ir além do individual, é apreender o lugar em que se situa nas relações de poder da sociedade, é um agir político de reconhecimento de questões estruturais.

Em diálogo com Santos Filho e Procópio Xavier (2020), que analisaram um canal do *YouTube* no estilo de *vlog*⁴, podemos compreender que a exposição e a visibilidade são recursos indispensáveis para a manutenção do estatuto de “subcelebridade”. Por essa ótica, notamos paralelos com a mostra de Sa João, sobretudo em relação ao lançar sua intimidade e situações íntimas ao êxtimo. Como Sibilia (2016) afirma, apropriamos de lógicas e potencialidades de interação, antes restritas aos espaços das intimidades restringidos aos cômodos das casas, para remodelar e alterar as mostrações de si. Nessa esteira, vemos que a visibilidade é um artifício importante para alcançar notoriedade na plataforma em que hospeda o *Sem Capa*, como também para angariar seguidores para outras redes sociais.

Por fim, cabe salientar que a projeção da vida e das extimidades é um elemento central tanto no *Sem Capa* quanto no projeto sucessor de Sa João. Atualmente fora do ar no *YouTube*, Sa João deu continuidade às reflexões sobre sexualidade e corpo no projeto *Sem Local*, em que visitava a casa de outras pessoas para entrevistá-las. Em seis episódios, uma mulher transexual, uma drag queen, um homem bissexual, uma mulher lésbica, um homem que vive com HIV e um homem trans participaram. Ao sair do quarto de um apartamento, ambiente, segundo Ranum (2009) historicamente demarcado à nudez e ao sexo, e ir até os espaços de intimidade dos (das) convidados (as), desloca-se o eixo de centralidade na figura de Sa João — mesmo que seja o entrevistador e condutor da conversa — para o outro, mas prevalecendo a exposição de si e das intimidades ao

4 Refere-se a produções audiovisuais de relatos de experiências, de estar diante de uma câmera e gravar sobre si.

êxtimo com base nos marcadores de sexualidade e de tantos outros que atravessam e constituem os corpos (gênero, sorologia, etc.).

Referências

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. 1. ed. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2010.
- BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. *MATRIZES*, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i2p73-88>. Acesso em: 28 jun. 2023.
- BRUNO, Fernanda. *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel. The confession of the flesh. In: FOUCAULT, Michel. *Power/Knowledge: Selected Interviews and Other Writings 1972-1977*. 1. ed. Pantheon, New York, 1980, p. 194-228.
- LOURO, Guacira. *Um corpo estranho*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- RANUM, Orest. Os refúgios da intimidade. In: CHARTIER, Roger (org.). *História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 211-626.
- RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- SA JOÃO. *Sem Capa #1 | Vamos falar de sexo?*. 2018a, 4min53s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video37475257/sem_capa_1_vamos_falar_de_sexo_. Acesso em: 30 jun. 2023.
- SA JOÃO. *Sem Capa #2 | Bota a camisinha, bota meu amor*. 2018b, 6min44s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video37474471/sem_capa_2_bota_a_camisinha_bota_meu_amor. Acesso em: 30 jun. 2023.
- SA JOÃO. *Sem Capa #3 | HIV não é doença*. 2018c, 5min43s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video37474049/sem_capa_3_hiv_ao_e_doenca. Acesso em: 30 jun. 2023.
- SA JOÃO. *Sem Capa #13 | Bota a camisinha parte 2*. 2018d, 7min59s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video37431981/sem_capa_13_bota_a_camisinha_parte_2. Acesso em: 30 jun. 2023.
- SA JOÃO. *Sem Capa #14 | Fantasias no ar*. 2018e, 15min15s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video37586961/sem_capa_14_fantasias_no_ar. Acesso em: 30 jun. 2023.

SA JOÃO. *Sem Capa #17 | Sindibixa e pokémon*. 2018f, 11min18s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video38706975/sem_capa_17_sindibixa_e_pokemon. Acesso em: 30 jun. 2023.

SA JOÃO. *Sem Capa #18 | Trepada aditivada*. 2018g, 7min42s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video38582233/sem_capa_18_trepada_aditivada. Acesso em: 30 jun. 2023.

SA JOÃO. *Sem Capa #20 | O negão da piroca*. 2018h, 7min06s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video39011705/sem_capa_20_o_negao_da_piroca. Acesso em: 30 jun. 2023.

SA JOÃO. *Sem Capa #23 | Parece uma pornô*. 2018i, 12min29s, son., color. Disponível em: https://www.xvideos.com/video39787585/sem_capa_23_parece_uma_porno. Acesso em: 30 jun. 2023.

SANTOS FILHO, Robson Evangelista dos; PROCÓPIO XAVIER, Mariana Ramalho. Saída do segundo armário: análise das narrativas autobiográficas de Felipe Mastrandéa. *Intexto*, Porto Alegre, n. 50, p. 243–262, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1807-8583202050.243-262>. Acesso em: 28 jun. 2023.

SIBILIA, Paula. *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SIBILIA, Paula. O universo doméstico na era da extimidade: Nas artes, nas mídias e na internet. *Revista Eco-Pós*, v. 18, n. 1, p. 133-147, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/ecopos.v18i1.2025>. Acesso em: 28 jun. 2023

VIEIRA FILHO, Maurício João. Plataformização da pornografia: considerações sobre estruturas e regimes de circulação de conteúdos audiovisuais na Xvideos. *Eptic On-Line*, [S.l.], v. 24, p. 117-136, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.54786/revista%20eptic.v24i3.17829>. Acesso em: 28 jun. 2023.